

Saberes em (re)construção: os sessenta anos do “Terno de Moçambique Camisa Rosa”, Ituiutaba, MG

Isabel Cristina da Costa Silva¹, Cairo Mohamad Ibrahim Katrib²

Resumo

Este relato foi construído a partir das experiências compartilhadas com a comunidade congadeira de Ituiutaba, no Pontal do Triângulo Mineiro, em especial as do “Terno de Congado Moçambique Camisa Rosa”, no ano de 2011. As reflexões aqui apresentadas são fruto da nossa participação em uma ação de extensão com interface em pesquisa desenvolvida pelo Programa de Educação Tutorial (PET) “(Re) Conectando Saberes, Fazeres e Prática: rumo à cidadania consciente”, da Faculdade de Ciências Integradas do Pontal da Universidade Federal de Uberlândia (FACIP/UFU). Acompanhamos os preparativos e as visitas do grupo, durante o domingo de festa, na tentativa de compreendê-la como processo contínuo de transmissão de saberes e valores identitários ancorados a uma pedagogia da oralidade compartilhada e (re)construída a cada olhar projetado. A escolha do Terno se deu, primeiro, por ser ele um dos mais antigos da cidade e, segundo, pelo fato de, na ocasião, estar completando sessenta anos de existência e de participação efetiva no congado da região. A proposta metodológica teve como propósito registrar, por meio de fotografias, entrevistas e anotações, as impressões, sentimentos, fatos e acontecimentos significativos sobre o grupo, construindo, assim, material de estudo e montagem do banco de dados para o PET (Re) Conectando Saberes, Fazeres e Práticas.

Palavras-chave

Congado. Identidade. Vivências. Transmissão de Valores Culturais.

1. Graduanda em Pedagogia pela Faculdade de Ciências Integradas do Pontal da Universidade Federal de Uberlândia, bolsista do grupo PET interdisciplinar “(Re)conectando saberes, fazeres e práticas: rumo à cidadania consciente”. E-mail: isabelpetg@gmail.com.

2. Doutor em História Cultural pela Universidade de Brasília, professor na Faculdade de Ciências Integradas do Pontal da Universidade Federal de Uberlândia, tutor do grupo PET interdisciplinar “(Re)conectando saberes, fazeres e práticas: rumo à cidadania consciente”. E-mail: cairo@pontal.ufu.br.

Knowledge in (re)construction: the sixty years of the “Terno Moçambique Camisa Rosa”, Ituiutaba, MG

Isabel Cristina da Costa Silva*, Cairo Mohamad Ibrahim Katrib**

Abstract

This report was constructed from the experiences shared with the community of Ternos de Congado in the Ituiutaba, in the Pontal of the Triângulo Mineiro, in particular experiences shared with “Terno de Congada Moçambique Camisa Rosa”, in 2011. The reflections presented in this manuscript are the result of actions of extension with interface on research conducted by the Tutorial Education Program (PET) “(Re) Conectando Saberes, Fazeres e Prática: rumo à cidadania consciente” of Faculdade de Ciências Integradas do Pontal / Universidade Federal de Uberlândia (FACIP/UFU). The manuscript presents a report of the visits and monitoring of the preparations for the festival of the Presentation of the “Ternos de Congado” in an attempt to understand it as a continuous process of transmission of knowledge and identity values anchored to a shared pedagogy of orality and (re) constructed for each look designed. The choice of “Terno” was due to two factors: the “Terno” is one of the oldest in Ituiutaba; at the time of this research, the “Terno” completed sixty years of existence and effective participation in congado the region. The methodology used was recorded through photographs, interviews and notes in the logbook the impressions, feelings, facts and significant events to the construction of study material and assembling the database for the research group’s PET (Re)Conectando Saberes, Fazeres e Práticas.

Keywords

Congado. Identity. Experiences. Transmission of Cultural Values.

* Graduating in Pedagogy at Faculty Integrated Sciences of Pontal at the Federal University of Uberlândia, PET group interdisciplinary scholar “(Re)Conectando Saberes, Fazeres e Práticas: rumo à cidadania consciente”. E-mail: isabelpetg@gmail.com.

** Doctor in Cultural History at University of Brasília, professor at Faculty Integrated Sciences of Pontal at the Federal University of Uberlândia, PET group interdisciplinary tutor “(Re) Conectando Saberes, Fazeres e Práticas: rumo à cidadania consciente”. E-mail: cairo@pontal.ufu.br.

Nos caminhos da festa

Olha que coisa mais linda;
Olha que coisa mais bela;
Sou camisa rosa de calça branca
E faixa amarela³

Este relato tem como proposta apresentar nossas experiências em uma ação de extensão com interface em pesquisa desenvolvida pelo Programa de Educação Tutorial - PET “(Re) conectando saberes, fazeres e prática: rumo à cidadania consciente”. A ação ocorreu durante o XXIV Encontro de Moçambiques, Congos, Marujos e Catupés em louvor a São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, em Ituiutaba, no ano de 2011. Como, na cidade, há sete grupos, optamos por acompanhar o “Terno Moçambique Camisa Rosa”. A escolha aconteceu, em primeiro lugar, por ser ele um dos mais antigos da cidade; em segundo, pelo fato, na ocasião, completar sessenta anos de existência e participação efetiva no Congado da região⁴.

A proposta metodológica foi amadurecida por meio de uma série de oficinas sobre cultura e religiosidade populares, ministradas pelo Prof. Carlos Rodrigues Brandão ao grupo de petianos. Nessas oficinas, discutimos textos e realizamos reflexões sobre o exercício do olhar a ser aplicado à festa do congado de Ituiutaba.

Diante da riqueza de detalhes que envolvem essa prática cultural, optamos pelo uso da observação e da coleta de depoimentos orais como prática metodológica. Isto porque compreendemos que, por meio dos relatos dos congadeiros, poderíamos entrever melhor as tramas simbólicas que costuram os fios das suas memórias, entendendo os sentidos que envolvem a transmissão dos saberes herdados e sua significação como revitalizadora da história desses grupos sociais. Tínhamos clareza

da multiplicidade de olhares e de formas de transmissão envoltas na materialização das falas de nossos interlocutores, pois cada grupo reconstrói, a seu modo, a sua relação com o congado, unindo vida e festa e edificando uma pedagogia da oralidade que transfere, por meio da observação e dos ensinamentos partilhados coletivamente, os valores étnicos, éticos e culturais que interligam os praticantes aos universos sagrados e festivos de uma prática que se ressignifica de formas diversas nos diferentes espaços por ela percorridos.

A rua, a praça, o momento da visitação do Terno às residências e os rituais ocorridos no interior dos quartéis gerais, nos dias de festa, sempre ocorrem embebidos de teatralidade e ludicidade. Remontam os tempos idos, que atualizam a relação do grupo com sua ancestralidade e, também, expressam o revigoramento identitário familiar e o estreitamento das relações de pertencimento ao lugar. Nesse sentido, nos apoiamos nas discussões propostas por Olson (1995), Amado (2002) e Ricouer (2007) sobre memória, lembrança, esquecimento e história oral.

Todo esse processo movimenta e reinventa o cotidiano, o qual assume valores simbólicos mais marcantes do que os costumeiramente atribuídos a eles nos dias comuns. Foi percorrendo esses lugares que compartilhamos sentimentos, memórias, histórias individuais e coletivas e pudemos exercitar o sentido vivo de alguns conceitos, tais como identidade, memória, pertencimento e ancestralidade (MUNANGA, 2004; SOARES, 2000; SILVA, 2000; OLIVEIRA; 2000).

O processo de aprendizagem no congado pauta-se na troca de saberes por meio da prática e do envolvimento nas atividades coletivas, promovendo a reelaboração dos laços

3. Frase estampada na camiseta dos integrantes do terno “Camisa Rosa” em 2011.

4. O Congado, em linhas gerais, divide-se em grupos ou ternos, cujas denominações são: Moçambiques – formados por dançadores mais experientes; Congos – representando os dançadores mais jovens e, em algumas regiões, catopés ou catupés, vilões, dentre outros.

identitários e culturais. Além disso, conforme destaca Pereira (2005), procura revigorar sentimentos diversos, vividos e vivenciados de muitas formas por seus praticantes, integrando passado e presente em uma dimensão dialógica, temporal fluida e dinâmica.

O tempo no congado não é marcado pelo compasso do relógio. Ele é ditado pelo desenrolar das ações, das emoções, dos sentidos e sentimentos atribuídos à dramatização orquestrada ao som das vozes que comandam tal prática cultural. São essas falas que redefinem o “tic-tac” do relógio da vida e fazem com que o tempo fique elástico, fazendo com que presente e passado caminhem descompassadamente.

No “Terno Moçambique Camisa Rosa”, por exemplo, fomos ciceroneados pela Sra. Tânia Cristina dos Santos Oliveira, integrante do grupo há dezessete anos, juntamente com seu esposo e um casal de filhos. Ela, durante a preparação de saída do grupo para as andanças do dia, ainda arrumou tempo para nos apresentar o Terno, suas especificidades e tecer narrativas da história do grupo. Dona Tânia foi capaz de nos inteirar sobre os caminhos trilhados pelo Terno até aquela presente data, reforçando o significado da comemoração dos sessenta anos do grupo, e o que o momento representava para todos que, em 2010, sofreram com a morte da matriarca Dona Geralda Ramos de Oliveira.

Nosso caminhar...

Na manhã do dia 15 de maio de 2011, às 6h30, acompanhados por Dona Tânia e seus familiares chegamos ao “Quartel General do Terno”. Trata-se da casa de uma das filhas da fundadora do grupo, a Sra. Maria das Graças Silva. O espaço, no dia da festa, deixa de ser um lugar particular para se tornar um ambiente coletivo, sem limites entre a casa e a rua. Tudo se mistura e se confunde; tudo ganha dimensões coletivas. Tudo se transforma. Os espaços que unem a casa à rua consolidam-

se em lugares de sociabilidades e de (re)atualização da história e da memória do grupo.

É com o ir e vir de pessoas circulando por ali que Dona Tânia aproxima-nos da história do Terno, reavivada em suas memórias. É ela que nos narra a importância que Dona Geralda, matriarca falecida do grupo, teve na consolidação e na união de todos em torno do congado. É ela quem destaca que, mesmo a matriarca não estando mais entre o mundo dos vivos, é lembrada pelas filhas, pelos netos e bisnetos que residem no lugar, como se ainda habitasse o local e se fizesse presente de fato. Nossa interlocutora é enfática em dizer que a criação do Terno Moçambique Camisa Rosa, em 1951, pelo Sr. Demétrio Silva da Costa foi um presente de aniversário em atendimento a um pedido de Dona Geralda Ramos, sua esposa. Depois de sua fundação, mesmo com o falecimento do esposo, Dona Geralda e os filhos nunca deixaram de participar dos festejos do congado.

Em nossa chegada à residência, percebemos o clima de confraternização entre os congadeiros, que se cumprimentavam e se abraçavam. Vimos também que o momento era de conagração e de expectativa, pois o grupo aguardava com muita ansiedade o desenrolar do dia da comemoração dos sessenta anos do grupo. Os integrantes do Terno nos cumprimentavam e muitos estampavam em seus semblantes um olhar de interrogação, como se nos perguntassem: quem são vocês? O que fazem aqui? Contudo, a recepção não deixou de ser calorosa. Durante nossa permanência acompanhando o grupo em suas obrigações, dentro e fora do quartel general, pudemos aprender muito em relação à organização do Terno, como relataremos.

Dentro do Terno há uma hierarquia que, de acordo com nossa percepção, organizada da seguinte forma: a) capitão de guia: responsável pela organização, estrutura e disciplina do grupo; b) soldados: responsável por auxiliar o primeiro capitão ou substituí-lo em caso

de alguma eventualidade (todo congadeiro é considerado um soldado); c) capitão das caixas: responsável pela marcação do ritmo das músicas e das danças, assim como pela manutenção e guarda dos instrumentos; d) coordenador do Moçambique Mirim, responsável pelo Terno de crianças; e) capitães mirins: comandam o Terno de crianças, sendo, geralmente, um adolescente do grupo; f) guardas de guia: responsáveis pela manutenção da organização das filas; g) madrinha do estandarte: adulto responsável pela bandeira durante os cortejos; h) madrinha do estandarte mirim; i) guardiãs do grupo: senhoras mais experientes que cuidam da infraestrutura, saída, organização e manutenção espiritual do grupo; j) zeladoras: correspondem a todas as mães acompanhantes, que olham todos como se fossem seus filhos, sendo aquelas que auxiliam durante a caminhada, levando água, alimentos; k) organizadores: correspondem a todos os envolvidos na organização da estrutura do grupo (instrumentos, vestimentas, agenda etc).

Há, ainda, os soldados, que exercem a função de capitães atrevidos que, simbolicamente, guardam o grupo e são responsáveis por sua proteção. Adultos ou não, esses capitães recebem essa denominação devido ao fato de não serem nomeados e nem recebem o bastão, que é uma das características do cargo. Eles mesmos fazem suas roupas e seus bastões e, posteriormente, comunicam ao Capitão de Guia que vão sair assim. Acharmos muito interessante esse fato, que interpretamos como sendo mais uma forma de aceitação e construção de identidade e pertencimento cultural.

Ressaltamos que antes da saída do grupo pelas ruas da cidade é servido um café coletivo na sede do quartel general. Na festa de 2011, logo após o café, deram-se início às orações, com pedidos de bênçãos para que nada de mal acontecesse a ninguém. A reza foi feita por uma das dirigentes do grupo e acompanhada por todos ali presentes. Em seguida, a dirigente aspergiu

água benta em todos e também nos instrumentos e bastões, hora em que se evidencia a fé e a devoção a São Benedito e a Nossa Senhora do Rosário. Só depois disso, cada tocador pega seu instrumento e se posiciona para a saída do Terno.

Os instrumentos utilizados pelos Ternos são: a gunga, usada só pelos capitães e que vem à frente dos outros instrumentos; as patangomas, que ditam o ritmo e estabelecem a conexão entre o mundo real e sobrenatural; as caixas, que simbolizam as vozes dos antepassados.

O Capitão do Terno é o último a sair de dentro da casa (quartel). Depois que todos estão devidamente fardados e com seus instrumentos a postos para a saída, o capitão faz o sinal de caminhada do grupo, ditando o ritmo do batuque com as cantorias e o som do apito. Nessa hora, todos os integrantes já sabem que, logo após a ordem de comando, começarão a caminhada pelas ruas da cidade. Na ocasião, o grupo deslocou-se até a Praça Treze de Maio, onde está localizada a Igreja de São Benedito, para as devidas reverências ao santo de devoção e para o cumprimento de suas obrigações religiosas.

Durante os preparativos para a saída do quartel, todos os soldados (menos o Capitão de Guia, que permaneceu do lado a proferir orações voltadas para a proteção do grupo) fazem um corredor com seus bastões por onde todos os dançadores passam. O ritual representa a possibilidade de entrelaçamento entre o mundo material e o divino, cujo mastro, simbolicamente, é a ponte entre esses dois mundos. Posteriormente, deu-se a saída de todos integrantes do Terno que, a cada passo, entoavam cânticos em homenagem aos santos de devoção.

A caminhada pelas ruas da cidade, acompanhando o grupo, rendeu muitos frutos. O Terno chamou a atenção de todos por onde passava. As pessoas saíam de suas casas para reverenciar, cantar, rezar e observar aquela prática cultural. Alguns olhares expressavam estranhamento, outros frieza, simpatia ou respeito. Mesmo frente às indiferenças percebidas,

notamos que o conagraamento coletivo entre os dançadores amenizava as diferenças sociais e étnicas muitas vezes demarcadoras da condição sociocultural entre os praticantes do congado e alguns membros da sociedade local.

Chegando à Praça Treze de Maio, o Terno foi recepcionado por uma representante do Terno “Congo Camisa Verde”, o mais antigo nos festejos da cidade de Ituiutaba. A entrada do “Terno de Moçambique Camisa Rosa” na Igreja nos fez viajar pela história. Nessa hora, sentimos as paredes vibrando com os toques das caixas. Dentro da Igreja, os sons deram uma intensidade maior às reflexões que fizemos durante as oficinas ministradas pelo Prof. Brandão e pudemos perceber nitidamente as relações sincréticas presentes naquele espaço, trazendo a África distante para dentro do templo.

Após esse ritual, os Ternos saem pelas ruas do bairro cantando, dançando e realizando suas visitações. Em seguida, todos vão para o almoço coletivo, servido no salão comunitário da Igreja ou na residência de algum morador que tenha oferecido ao grupo o almoço do dia, em sinal de admiração ou pagamento de alguma promessa.

Nesse universo simbólico do congado, o que mais chamou atenção foi o levantamento das Bandeiras dos Santos homenageados. Esse momento é o ápice da comemoração, pois representa a liberdade ancestral e o revigoramento das forças para continuar trilhando o caminho de luta por dias melhores. Nas palavras dos congadeiros, quando os bastões dos capitães são erguidos, unem-se céu e terra, realimentando de esperanças aquele dia de manutenção oficial das pertenças ancestrais.

Logo após o hasteamento do mastro foram feitos uma série de agradecimentos, alguns pelos dirigentes do poder público local e da igreja e outros pelos capitães dos Ternos, que homenagearam o Terno aniversariante. Em seguida, o “Terno de Moçambique Camisa Rosa” dirigiu-se para a casa de Maria Lúcia, filha de Dona Geralda e organizadora

do Terno, onde foi servido o almoço.

Há todo um ritual durante a chegada à casa em que foi servido o almoço. Todos os integrantes do “Terno de Moçambique” fazem uma fila na entrada do portão e convidam, cantando e tocando, visitantes e familiares dos membros dos grupos para adentrarem à residência e se servirem do alimento ali oferecido. Nesse dia, dois Ternos vindos da cidade de Centralina, Minas Gerais, participaram do almoço na guarda do Terno “Camisa Rosa”. Logo após a entrada dos grupos visitantes à residência, todos cantaram, dançaram e fizeram suas orações em forma de agradecimento ao momento vivido.

Após o almoço, enquanto todos descansavam, tivemos tempo de conversar mais tranquilamente com os integrantes do Terno. Dentre todos os tópicos das conversas, o que prevaleceu foi a necessidade de se conservar e manter a tradição, como simbologia da luta que não pode acabar, porque, como foi dito na fala da maioria dos dançadores, os negros, até hoje, sofrem com o preconceito e a discriminação e comemorar suas raízes culturais é jamais deixar perder as referências com o mundo africano.

À tarde continuaram as visitações. A partir das 17h, os participantes do grupo concentram-se na Praça Treze de Maio, em frente à Igreja de São Benedito, para o cortejo da procissão que, em forma de um grande rosário, percorre as ruas do bairro, saindo da porta da referida igreja e retornando a ela.

Saímos da casa da Maria Lúcia por volta das 16h45. Há poucos metros dali, o Terno simbolicamente busca o Rei, a Rainha e a Princesa na residência do primeiro. Esse foi um momento de muita alegria, muita cantoria e emoção. Existe todo um contexto simbólico que referenda a presença do Reinado na festa.

Aquele momento constitui-se em expressão da reverência à identidade negra, a coroação de sua ancestralidade e a apresentação da cultura negra e de sua importância. Esse momento, em muito se assemelha aos cortejos

descritos por vários memorialistas sobre as comemorações do congado pelo Brasil. Em Minas Gerais, as comemorações ganharam vida a partir do enredo da coroação de Chico Rei e sua corte que, ao conquistarem sua liberdade, saíram às ruas em comitiva, agradecendo aquele feito.

De acordo com nossa interpretação, pautada nos relatos memorialísticos, o reinado é a expressão máxima das conquistas alcançadas pelos negros no congado. Podemos, ainda, dizer que o momento do cortejo com a condução do Reinado pelo Terno pelas ruas da cidade é a culminância de todos os atos acontecidos. Sentimos como se fosse o momento da libertação ou de reverência aos ancestrais, uma singularidade. Sem tentar decifrar, nos envolvemos com todos nas danças e cantos, pois nós, assim como todos ali presentes, sentíamos-nos inseridos diretamente naquele contexto.

Seguimos para a Igreja onde se inicia a procissão, agora com todos os Ternos dentro dela. Os integrantes do “Terno de Moçambique Camisa Rosa” tiveram participação ativa em todos os momentos da celebração.

Olhamos a praça tomada por todos os Ternos, com todas as suas cores e representações e refletimos sobre o contexto histórico de luta em defesa da religiosidade herdada em um país que negou a importância das raízes negras na sua formação cultural. Neste momento, fica clara a preocupação com a conscientização, o que pudemos notar nos diálogos com várias pessoas com as quais conversamos. Elas sabem da necessidade de mais políticas públicas voltadas para a valorização da cultura negra, sabem dos tratamentos pejorativos que negros recebem e da condição de igualdade que almejam e, mais que isso, têm consciência do papel da festa do congado para reafirmar a função do negro na história do país.

Durante todo o dia, fomos tendo contato com muitas questões pertinentes à festa e ao congado como prática cultural. Pudemos notar, dentre outras coisas, que:

- a. a modernidade exige uma nova postura dos dirigentes dos Ternos para que os jovens não abandonem a tradição;
- b. as questões ligadas ao preconceito em relação às religiões de matrizes africanas ainda são bem marcantes na sociedade local, mesmo diante das políticas de igualdade de tratamento;
- c. os Ternos tem consciência do embate travado entre as manifestações afro-brasileiras com a religiosidade católica. Mesmo que na maioria das festas dos santos padroeiros, negros e Igreja se unam para realizar a festa, há, por parte de alguns clérigos, proibições veladas que impedem os grupos de adentrarem aos templos (a solução apresentada pela Igreja foi a instituição das Missas Campais);
- d. as roupas e os adereços são marcas identitárias de cada Terno;
- e. os homens raramente mudam os modelos de suas “fardas”, enquanto as mulheres acompanham as tendências da moda;
- f. alguns cantos não são permitidos de serem entoados dentro da Igreja;
- g. nos ternos, há pessoas ligadas a várias religiões;
- h. todos os alimentos servidos nas refeições são obtidos por meio de doações da comunidade e dos leilões promovidos pelos integrantes do Terno;
- i. o roteiro feito pelo Terno, dentro da cidade, é em círculo, representando a própria circularidade da festa e de seus sentidos;

j. o orgulho de ser integrante estava estampado nas camisetas de vários componentes.

Citamos apenas esses, porque são muitos fatores, o que foge das possibilidades de exploração nesse relato. Mesmo assim, procuramos exercitar o olhar de pesquisadores atentos aos detalhes, como bem nos ensinou o Prof. Brandão, que esteve presente na preparação do grupo e disposto a contribuir para a nossa formação.

Ainda nesse contexto, ressaltamos a experiência de partilhar o cotidiano do Terno, o que nos permitiu um movimento de introspecção, por desconhecermos a riqueza simbólica e de sentidos que envolvem o congado para aqueles que se dedicam à manutenção dessa prática cultural. Toda essa expressividade, contida nas vestimentas, instrumentos, cânticos, danças e todos os elementos que ali vimos, propiciaram-nos uma visão ímpar de como os negros travam suas batalhas, desde sua captura em África até em terras brasileiras. Foi como ver sua identidade, subjetividade, enfim, tudo que constitui o sujeito, que grita por direitos e por respeito que lhes foram tirados.

Considerações Finais

Nesse contexto, pudemos notar que o universo do congado é permeado de ludicidade e simbologias. São representações de passado fluido que vem à tona para atualizar a memória vivida e imaginada. Entendemos que ali estava a materialização de todas as batalhas travadas pelos ancestrais, as disputas entre cristãos e mouros, a defesa pela posse da terra nas batalhas tribais entre reinos inimigos, reportando à África do passado e seus arquétipos, das vitórias e conquistas trilhadas.

Ao mesmo tempo, fomos levados pela alegria que os congadeiros transpareciam

naquele momento em que celebravam a liberdade tão almejada por eles, fruto de lutas pelo reconhecimento étnico e pela manutenção de sua identidade cultural. Comemoravam sua etnicidade (compreendida como movimento de interlocução que aproxima os sujeitos de suas raízes culturais) com cantos e batuques que expressavam a possibilidade de exercer a liberdade e a igualdade.

Percebemos todos os acontecimentos do dia como um reforço identitário, em que todos juntos – negros, brancos, ricos, pobres – vivenciam o mesmo espaço. Não nos é possível afirmar que todos partilham o mesmo objetivo, pois cada um sente e entende de uma forma, mas é perceptível o respeito que há entre todos. Diante desse cenário, surge-nos uma inquietação: trata-se de um momento isolado ou é a representação de um desejo coletivo que tem visibilidade apenas em um dia de “festa”, como continuação da representação da simbologia da libertação?

No caso dos Ternos, há sim uma preocupação com a transmissão dos saberes herdados, mas que se dá de forma bem sutil nos dias de festa. As famílias congadeiras executam toda uma pedagogia da transmissão dos valores congadeiros pautados na oralidade, cujos registros se refazem nas memórias e nas lembranças dos dançadores mais antigos e, ao serem passados aos mais novos, são ressignificados em gestos, batuques e vozes que cantam a negritude, reelaboram sentidos e sentimentos à vida e à festa, além de demarcar o recomeço de um novo ciclo, pois a cada festa terminada iniciam-se os preparativos para a outra e, assim, os fios que compõem a trama das histórias dos muitos congadeiros alinham-se e vão tecendo novas histórias, dando novos sentidos ao viver coletivo e alimentando de esperanças de reencontro com suas pertencas e com sua ancestralidade.

Portanto, que esse orgulho de pertença demonstrado possa ser um elemento norteador para uma ressignificação em uma relação de

alteridade que possibilite escrever um novo capítulo na história, um capítulo em que o negro não tem sua imagem denegrida e associada a coisas ruins. Que toda a admiração e o respeito que presenciamos e vimos nos rostos de todos, não sejam apenas momentâneos, mas que rompam essa barreira invisível de preconceitos.

Para o Programa de Educação Tutorial -

PET “(Re) conectando saberes, fazeres e prática: rumo à cidadania consciente” foi um exercício bastante rico, uma oportunidade de conhecer e vivenciar um pouco da cultura negra com um novo olhar, sem julgamentos ou estereótipos, aceitando e valorizando essa cultura como algo importante para a constituição da identidade brasileira.

Referências

AMADO, J. **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

MUNANGA, K. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

OLIVEIRA, R. C. Os (des) caminhos da identidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 15, n. 42, 2000.

OLSON, D.; TORRANCE, N. **Cultura escrita e oralidade**. São Paulo: Ática, 1995.

PEREIRA, E. de A. **Os tambores estão frios: herança cultural e sincretismo religioso no ritual de Candomblé**. Juiz de Fora: Funalta Edições: Belo Horizonte: Mazza Edições, 2005.

RICOEUR, P. **A Memória, a história e o esquecimento**. Tradução de Alain François e outros. Campinas: Editora UNICAMP, 2007.

SILVA, T. T. (Org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOARES, M. de C. **Devotos da cor: identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

Submetido em 26 de junho de 2012.

Aprovado em 8 de dezembro de 2012.